

UNIVERSIDADE VILA VELHA-ES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA ANIMAL

NATIELI DIAS GRACELI

**INCIDÊNCIA E PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA ESPOROTRICOSE EM
GATOS NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA: ANÁLISE DOS REGISTROS
DA UNIDADE DE VIGILÂNCIA DE ZONÓSES (2023–2025)**

VILA VELHA
2025

UNIVERSIDADE VILA VELHA-ES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA ANIMAL

**INCIDÊNCIA E PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA ESPOROTRICOSE EM
GATOS NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA: ANÁLISE DOS REGISTROS
DA UNIDADE DE VIGILÂNCIA DE ZOONOSES (2023–2025)**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal, para a obtenção do grau de Mestra em Ciência Animal.

NATIELI DIAS GRACELI

VILA VELHA
2025

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

G729i Graceli,Natieli Dias .

Incidência e perfil epidemiológico da esporotricose em gatos no Município de Vila Velha : análise dos registros da unidade de vigilância de zoonoses (2023–2025) / Natieli Dias Graceli – 2025.

43 f. : il.

Orientadora: Talita Mariana Morata Raposo Ferreira
Dissertação (mestrado em Ciência Animal) - Universidade Vila Velha, 2025.

Inclui bibliografias.

1. Medicina veterinária . 2. Saúde Pública. 3. Fungo. 3. Micose.
I. Ferreira,Talita Mariana Morata Raposo. II. Universidade Vila Velha.
III. Título.

CDD 636.89

NATIELI DIAS GRACELI

**INCIDÊNCIA E PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA ESPOROTRICOSE EM
GATOS NO MUNICÍPIO DE VILA VELHA: ANÁLISE DOS REGISTROS
DA UNIDADE DE VIGILÂNCIA DE ZONÓSES (2023–2025)**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal, para a obtenção do grau de Mestra em Ciência Animal.

Aprovada em 19 de novembro de 2025,

Comissão Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **TALITA MARIANA MORATA RAPOSO FERREIRA**
Data: 15/12/2025 11:54:56-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Talita Mariana Morata Raposo Ferreira (UVV)
Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
 **CAIO VITOR BUENO DIAS**
Data: 15/12/2025 12:00:46-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Caio Vitor Bueno Dias (UVV)
Membro externo

Documento assinado digitalmente
 **HELIO LANGONI**
Data: 21/12/2025 21:58:08-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Hélio Langoni (UVV)
Membro interno

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho acima de tudo a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia por mais essa realização. Aos meus pais *in memoriam*, as minhas irmãs, a minha orientadora e por último, mas não menos importante, meu esposo Earley Ferreira que foi meu grande companheiro nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me ajudar a superar todos os obstáculos e chegar até aqui, a minha família e amigos pelo apoio e carinho, ao meu esposo por todo incentivo e cumplicidade.

A minha orientadora Dra. Talita Raposo pelo desafio assumido e pela orientação perpassada, por toda preocupação de tornar as ideias e discussões ao longo dessa trajetória em um trabalho verdadeiramente científico.

Aos professores Dr. Caio Bueno e Dr. Helio Langone, por aceitarem a fazer parte da banca de apresentação deste trabalho.

A UVZ -Vila Velha, gostaria de expressar meu profundo agradecimento pela inestimável colaboração e suporte prestado durante a elaboração desta pesquisa, fornecendo os dados necessários para sua realização.

RESUMO

GRACELI, NATIELI, M.Sc, Universidade Vila Velha – ES, novembro de 2025.
Incidência e perfil epidemiológico da esporotricose em gatos no município de Vila Velha: análise dos registros da unidade de vigilância de zoonoses (2023–2025).
Orientador: Talita Mariana Morata Raposo Ferreira.

A esporotricose felina constitui agravo emergente à saúde pública, especialmente em contextos urbanos com elevada densidade de gatos. Este estudo quantitativo, descritivo e retrospectivo analisou a incidência e o perfil clínico-epidemiológico da esporotricose felina em Vila Velha (ES) entre janeiro de 2023 e julho de 2025, com base em registros da UVZ/Plataforma E-SUS. No período, foram notificados 1.205 casos (2023: 452; 2024: 405; 2025 jan–jul: 348), com redução de 10,4% entre 2023 e 2024. O recolhimento institucional aumentou de 44 para 180 felinos, elevando a proporção de recolhidos de 9,7% para 44,4% dos casos anuais. Observou-se queda da letalidade (óbitos/casos) de 21,7% (98/452) em 2023 para 11,1% (45/405) em 2024 e redução das evasões de 12,4% para 9,4% (56→38). Em 2025, até julho, registraram-se 348 casos, 51 recolhimentos e 198 tratamentos finalizados, sem óbitos ou evasões até o final do estudo. Houve ampla disseminação territorial (81/92 bairros) e forte convívio com contactantes (80,4% dos prontuários com essa informação). Entre 106 prontuários com método diagnóstico registrado, 49,1% foram confirmados por citologia, 50,0% por histopatologia e 0,9% por cultura fúngica; 94,3% dos diagnósticos ocorreram na UVZ. O tratamento consistiu predominantemente em itraconazol 100 mg/animal a cada 24 h, com iodeto de potássio em casos selecionados. Os achados sugerem aperfeiçoamento recente da gestão de casos (maior recolhimento, mais altas clínicas e menor letalidade/evasão) e reforçam a necessidade de políticas intersetoriais de Saúde Única, com ênfase em educação sanitária, controle populacional felino e qualificação da vigilância.

Palavras-chave: Fungo; Micose; Zoonose; Saúde Pública.; *Sporothrix spp.*

ABSTRACT

GRACELI, NATIELI, M.Sc., Universidade Vila Velha – ES, November 2025. **Incidence and epidemiological profile of sporotrichosis in cats in the municipality of Vila Velha: analysis of records from the Zoonosis Surveillance Unit (2023–2025).**

Advisor: Talita Mariana Morata Raposo Ferreira.

Feline sporotrichosis constitutes an emerging public health concern, particularly in urban contexts with high cat population density. This quantitative, descriptive, and retrospective study analyzed the incidence and the clinical-epidemiological profile of feline sporotrichosis in Vila Velha, Espírito Santo State, Brazil, between January 2023 and July 2025, based on records from the Municipal Zoonosis Surveillance Unit (UVZ) and the E-SUS Platform. During the study period, 1,205 cases were reported (2023: 452; 2024: 405; 2025 Jan–Jul: 348), representing a 10.4% decrease between 2023 and 2024. Institutional sheltering increased from 44 to 180 cats, raising the proportion of sheltered animals from 9.7% to 44.4% of annual cases. The case fatality rate decreased from 21.7% (98/452) in 2023 to 11.1% (45/405) in 2024, while treatment dropouts declined from 12.4% to 9.4% (56→38). In 2025, up to July, 348 cases were recorded, with 51 animals sheltered and 198 treatments completed, and no deaths or dropouts registered at the time of analysis. The disease showed wide territorial distribution (81 out of 92 neighborhoods) and high exposure to contact animals (80.4% of cases with this information). Among 106 medical records with diagnostic methods specified, 49.1% were confirmed by cytology, 50.0% by histopathology, and 0.9% by fungal culture; 94.3% of diagnoses were performed at the UVZ. Treatment consisted mainly of itraconazole (100 mg/animal every 24 h), with potassium iodide used in selected cases. The findings indicate a recent improvement in case management, including increased sheltering, higher cure rates, and reduced fatality and dropout rates and highlight the need for intersectoral One Health policies, emphasizing health education, feline population control, and strengthening of surveillance systems.

Keywords: Fungus; Mycosis; Zoonosis; Public health; *Sporothrix spp.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVOS	7
2.1 OBJETIVO GERAL	7
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
3. REFERENCIAL TEÓRICO	8
3.1 ESPOROTRICOSE FELINA	8
3.2 EPIDEMIOLOGIA	10
3.3 SINAIS CLÍNICOS	13
3.4 DIAGNÓSTICO	14
3.5 TRATAMENTO	16
3.6 POLÍTICAS PÚBLICAS E VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA DA ESPOROTRICOSE	18
4. MATERIAL E MÉTODOS	20
4.1 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	20
4.2 VARIÁVEIS ANALISADAS	20
4.3 ANÁLISE DOS DADOS	21
5. RESULTADOS	22
6. DISCUSSÃO	29
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea causada por fungos do complexo *Sporothrix schenckii*, cuja relevância epidemiológica tem aumentado de forma significativa nas últimas décadas, sobretudo devido à sua capacidade de acometer múltiplas espécies animais e ao seu impacto como zoonose emergente em ambientes urbanos (BARROS *et al.*, 2010). Tradicionalmente associada à inoculação traumática a partir de materiais vegetais, a doença passou a apresentar um novo perfil epidemiológico no Brasil, com predominância de transmissão direta entre gatos e forte concentração de casos em centros urbanos (NUNES; ESCOSTEGUY, 2005; GONDIM; LEITE, 2020). Essa mudança no padrão de disseminação, aliada à insuficiência de ações estruturadas de controle, contribui para que a esporotricose seja reconhecida como uma zoonose negligenciada (TEIXEIRA; ZAT, 2021).

Nas últimas duas décadas, a ocorrência de esporotricose felina tornou-se um desafio crescente para a saúde pública, especialmente em áreas com elevada densidade populacional e vulnerabilidade social. Estudos pioneiros demonstraram que a circulação do *Sporothrix brasiliensis*, espécie altamente virulenta e predominante no Brasil, intensificou a gravidade clínica dos casos felinos e ampliou o risco de transmissão zoonótica (BARROS *et al.*, 2010; JERICÓ *et al.*, 2023). Os gatos infectados apresentam lesões nodulares, ulceradas, e ricas em células fúngicas, favorecendo a disseminação do agente por arranhaduras, mordidas e secreções contaminadas. Como destacado por Feroldi e Rorig (2024), esses animais atuam como importantes reservatórios, mantendo a circulação do fungo em ambientes domésticos, comunitários e urbanos.

A expansão territorial da esporotricose no Brasil acompanha o avanço de *S. brasiliensis*, cujo comportamento epidemiológico tem sido marcado por surtos prolongados, disseminação rápida e forte associação com populações felinas sem controle reprodutivo (RODRIGUES *et al.*, 2014; GREMIÃO *et al.*, 2014). Municípios de diferentes regiões vêm registrando crescimento sustentado da doença, especialmente aqueles com alta circulação de gatos errantes e dificuldades no acesso ao atendimento veterinário (ASSIS *et al.*, 2022).

Nesse cenário, fatores socioeconômicos, como baixa renda, aglomeração urbana e cobertura insuficiente de serviços de saúde animal, desempenham papel determinante na persistência da doença.

A Região Sudeste, historicamente epicentro da esporotricose no país, permanece como a área de maior concentração de casos, com destaque para Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e, mais recentemente, Espírito Santo. Estudos de vigilância demonstram que a doença deixou de configurar surtos isolados e passou a compor um corredor endêmico interligado, impulsionado pela ampla circulação de *S. brasiliensis* (RODRIGUES *et al.*, 2022; GOMES *et al.*, 2025). No Espírito Santo, análises de tendência espacial apontaram aumento progressivo de casos entre 2017 e 2022, com formação de *hotspots* urbanos especialmente na Região Metropolitana de Vitória (GOMES *et al.*, 2025), indicando a necessidade urgente de intervenções integradas.

Nesse cenário, compreender a incidência da esporotricose em Vila Velha torna-se fundamental para subsidiar ações de saúde pública. O município tem registrado aumento expressivo de casos nos últimos anos, acompanhando a tendência estadual e nacional, e apresenta características urbanas e sociais que favorecem a manutenção da cadeia de transmissão. Assim, a análise detalhada dos registros da Unidade de Vigilância de Zoonoses (UVZ) possibilita identificar padrões clínicos, epidemiológicos e territoriais relevantes para orientar estratégias de controle, tratamento e prevenção da doença.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O presente estudo teve como objetivo analisar a incidência de casos de esporotricose em felinos no município de Vila Velha (ES), no período de janeiro de 2023 a julho de 2025, com base em dados obtidos pela Unidade de Vigilância em Zoonoses (UVZ), visando descrever os aspectos clínicos, epidemiológicos e terapêuticos relacionados aos animais atendidos nesse período.

2.2 Objetivos Específicos

- Quantificar a incidência anual de casos notificados de esporotricose felina em Vila Velha entre janeiro 2023 e julho de 2025;
- Caracterizar o perfil clínico-epidemiológico dos animais acometidos, considerando as seguintes variáveis: bairro, raça, idade, sexo, condição reprodutiva (castrado ou não), sinais clínicos apresentados, tempo de evolução clínica, existência de contactantes (outros animais ou humanos expostos);
- Descrever os métodos diagnósticos utilizados, como exames clínicos, citológicos, micológicos ou outros, e a frequência relativa de uso desses métodos na confirmação dos casos;
- Avaliar a conduta terapêutica adotada, incluindo: se o animal recebeu ou não tratamento, tipo de medicamento antifúngico utilizado, tempo de tratamento, resposta clínica observada (cura, melhora parcial, ausência de resposta clínica);
- Analisar os desfechos clínicos dos casos registrados, identificando as proporções de cura, óbito e evasão, e possíveis relações com variáveis como idade, tempo de evolução clínica, tratamento instituído e presença de contactantes;
- Mapear a distribuição geográfica dos casos por bairro, identificando áreas de maior concentração e possíveis padrões espaciais de disseminação;
- Avaliar a atuação da Unidade de Vigilância de Zoonoses de Vila Velha quanto às ações de notificação, recolhimento, diagnóstico, tratamento e acompanhamento dos casos, destacando avanços, desafios e possíveis lacunas nas estratégias de controle da esporotricose felina.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 ESPOTRICOSE FELINA

A esporotricose é uma micose subcutânea causada por fungos do complexo *Sporothrix schenckii*, um grupo de fungos dimórficos presentes no ambiente, principalmente no solo, vegetação em decomposição e materiais orgânicos (BARROS

et al., 2010). Esses fungos têm a capacidade de alternar entre a forma micelial, encontrada no ambiente, e a forma leveduriforme, observada nos tecidos infectados de animais e seres humanos (MCVEY *et al.*, 2022; JERICÓ *et al.*, 2023).

A infecção ocorre geralmente por meio da inoculação traumática do fungo na pele, sendo os gatos os principais responsáveis pela transmissão zoonótica em áreas urbanas, devido à alta carga fúngica presente nas lesões (ALVAREZ *et al.*, 2022).

O agente etiológico da esporotricose passou, ao longo dos anos, por uma reclassificação taxonômica, sendo hoje reconhecido como um complexo de espécies. Entre essas, destacam-se *Sporothrix brasiliensis*, *S. globosa* e *S. schenckii sensu stricto*, sendo a primeira a mais frequentemente associada aos casos epidêmicos no Brasil (RODRIGUES *et al.*, 2014; MCVEY *et al.*, 2022). A espécie *S. brasiliensis* apresenta maior virulência e transmissibilidade, o que a torna um dos maiores desafios para a saúde pública e veterinária, especialmente em regiões com surtos crescentes da doença, como observado em diversos municípios brasileiros (DUARTE;CARVALHO, 2021).

A descoberta do agente etiológico da esporotricose no Brasil marcou um importante avanço na compreensão da doença no contexto nacional. Estudos moleculares realizados a partir da década de 2000 revelaram que o fungo responsável pelos surtos epidêmicos no Brasil não correspondia a espécie clássica *Sporothrix schenckii*, escrita originalmente por Schenckem 1898, mas sim uma nova espécie denominada *Sporothrix brasiliensis*. (SPRUIJTENBURG, *et al.*, 2023) Essa espécie foi identificada por meio de análises filogenéticas e de biologia molecular conduzidas por pesquisadores brasileiros, destacando-se o trabalho de Marimon *et al.* (2007), que descreveu *S. brasiliensis* como uma espécie distinta dentro do complexo *Sporothrix schenckii*. Desde então, *S. brasiliensis* tem sido reconhecida como a principal responsável pelos casos de esporotricose felina e zoonótica no Brasil, caracterizando-se por maior virulência, transmissibilidade e adaptação ao hospedeiro felino quando comparada a outras espécies do complexo (DUARTE;CARVALHO, 2021).

Segundo Arnold *et al.* (2021), a disseminação da esporotricose entre animais, particularmente entre os gatos domésticos, é favorecida por comportamentos agressivos, como arranhaduras e mordidas, que facilitam a penetração do fungo na pele. Além disso, fatores ambientais como a urbanização desordenada e a convivência próxima entre humanos e animais em espaços compartilhados contribuem significativamente para o aumento dos casos.

Embora tenha sido historicamente associada a ambientes rurais e à contaminação por materiais vegetais, a esporotricose passou a ser amplamente registrada em centros urbanos brasileiros pelos gatos domésticos (NUNES; ESCOSTEGUY, 2005; GONDIM; LEITE, 2020). Segundo Teixeira e Zat (2021), essa zoonose é considerada negligenciada pela fragilidade das políticas públicas de controle, subnotificação dos casos e escassez de ações integradas de prevenção e vigilância sanitária.

O avanço da doença entre felinos, sobretudo em regiões de alta densidade populacional e vulnerabilidade social, preocupa autoridades de saúde pública e profissionais da medicina veterinária (BARROS *et al.*, 2010).

3.2 EPIDEMIOLOGIA

A esporotricose deve ser analisada sob a perspectiva dos determinantes sociais e ambientais da saúde. A expansão da enfermidade no território brasileiro apresenta estreita correlação com o processo acelerado de urbanização, a elevada densidade de felinos errantes e a carência de políticas públicas efetivas voltadas ao controle populacional desses animais. Em diversas localidades, observa-se a inexistência ou a ineficiência de programas de esterilização gratuita e de acolhimento de gatos em situação de abandono, fatores que favorecem o crescimento desordenado da população felina e, conseqüentemente, o aumento da disseminação da doença. (ASSIS *et al.*, 2022; ALVAREZ *et al.*, 2022).

A limitação no acesso aos serviços médico-veterinários representa um aspecto determinante na manutenção do problema. Em áreas caracterizadas por elevada vulnerabilidade social, os tutores frequentemente enfrentam dificuldades financeiras para arcar com os custos relacionados aos procedimentos diagnósticos e terapêuticos, que demandam tempo prolongado e recursos significativos. O conseqüente abandono do tratamento, amplamente relatado na literatura científica, está associado ao aumento das taxas de mortalidade felina e à perpetuação da cadeia de transmissão da enfermidade (GREMIÃO *et al.*, 2017).

Quando analisamos o quadro epidemiológico no Brasil, o estado do Rio de Janeiro constitui o exemplo mais expressivo do impacto epidemiológico causado pela esporotricose no Brasil. Desde o final da década de 1990, a enfermidade consolidou-se como hiperendêmica na região metropolitana, registrando milhares de ocorrências

anuais em animais.(FERREIRA *et al*, 2025). Entre os anos de 2013 e 2020, com a adoção da notificação compulsória, foram oficialmente registrados mais de 12 mil casos em animais, dados que ressaltam a magnitude e a gravidade do cenário epidemiológico observado no estado (FERREIRA *et al*, 2025). Entretanto, a esporotricose deixou de se restringir à região Sudeste, expandindo-se progressivamente para outras áreas do país. Diversos surtos e casos esporádicos foram registrados em diferentes localidades, como Recife, na região metropolitana de Pernambuco; João Pessoa e Natal, no Nordeste; e Florianópolis, no Sul, onde 186 casos felinos foram confirmados entre os anos de 2021 e 2024. No município de São Vicente, localizado no litoral paulista, foram analisadas 121 fichas de casos suspeitos entre os anos de 2022 e 2023, das quais 93 apresentaram resultado positivo, correspondendo a 76,8% de confirmação, predominantemente em áreas caracterizadas por elevada vulnerabilidade social (DA SILVA *et al.*, 2024; RODRIGUES *et al.*,2022; TÓFFOLI *et al.*,2022). Esse cenário configura um dos maiores eventos zoonóticos micóticos já documentados na América Latina (RODRIGUES *et al.*, 2020).

Embora o Rio de Janeiro permaneça como epicentro histórico da epizootia desde a década de 1990, evidências recentes mostram deslocamento progressivo e estabelecimento de novos polos de transmissão na região Sudeste, incluindo municípios paulistas e mineiros, além do crescimento sustentado no Espírito Santo, configurando um corredor endêmico interligado (RODRIGUES *et al.*, 2022; GOMES *et al.*,2025).Esses achados evidenciam que a esporotricose deixou de configurar uma epidemia localizada, assumindo o *status* de zoonose emergente de relevância nacional. (LUCENA *et al.*,2023).

Revisões sistemáticas e levantamentos de vigilância evidenciam que o Rio de Janeiro e São Paulo permanecem como os principais epicentros da esporotricose no país, concentrando o maior volume de registros ao longo das últimas décadas (GREMIÃO *et al.*, 2014). Entretanto, os padrões epidemiológicos mais recentes demonstram a expansão contínua da enfermidade para outros estados, com notificações crescentes em Minas Gerais, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Paraná e Bahia, caracterizando a disseminação interestadual de *S. brasiliensis* (GREMIÃO *et al.*, 2017). Em São Paulo, dados de vigilância animal revelam o acúmulo de centenas a milhares de casos felinos, impulsionando a adoção de protocolos municipais de notificação compulsória e ações específicas de controle (GREMIÃO *et al.*, 2017). Já

em Minas Gerais, a confirmação de novos surtos com isolamento de *S. brasiliensis* em animais e humanos reforça a expansão territorial da espécie e consolida a transição do cenário epidêmico para um quadro de circulação ampliada no Sudeste brasileiro (RODRIGUES *et al.*, 2013; BISON, PARENTONI e BRASIL, 2020).

No Espírito Santo, observa-se crescimento acentuado de casos felinos nos últimos anos, conforme estudo de tendência espacial entre 2017 e 2022, que identificaram aumento significativo e a formação de *hotspots* urbanos de transmissão, sobretudo na Região Metropolitana de Vitória (GOMES *et al.*, 2025). Esses achados posicionam o estado entre as áreas emergentes de atenção epidemiológica para a expansão da esporotricose no país. A análise de dados compilados de notificações estaduais e municipais entre 2013 e 2020 registrou 12.532 casos animais em diferentes unidades federativas, variando conforme confirmação laboratorial e capacidade de vigilância local (GREMIÃO *et al.*, 2014; GOMES *et al.*, 2025). Tais dados reforçam o caráter expansivo e persistente da zoonose, que hoje representa um dos principais desafios de vigilância em saúde única no Brasil. (ALVAREZ *et al.*, 2022)

A compreensão da incidência da esporotricose felina é essencial para o delineamento de estratégias de vigilância e controle da zoonose. Em termos epidemiológicos, a incidência refere-se ao número de novos casos de uma população em um determinado período, enquanto prevalência representa o total de casos (novos e antigos) existentes em um momento específico (THRUSFIELD; CHRISTLEY, 2018; GREMIÃO *et al.*, 2017). Essa distinção é fundamental, pois a incidência fornece um retrato mais dinâmico da velocidade de disseminação da doença, sendo, portanto, uma ferramenta mais sensível para monitorar surtos e avaliar a eficácia de intervenções sanitárias (ALVAREZ *et al.*, 2022).

No contexto da esporotricose felina no Brasil, ainda não existem sistemas de vigilância epidemiológica suficientemente estruturados para registrar, de forma precisa e contínua, o número de novos casos. Essa limitação impede estimar com exatidão a verdadeira carga da doença no país. O problema torna-se ainda mais evidente em estados onde a esporotricose é mais frequente como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo pois, justamente nessas áreas de maior transmissão, a ausência de monitoramento baseado em incidência dificulta compreender a real dimensão e a velocidade de expansão da enfermidade (RODRIGUES *et al.*, 2020; RODRIGUES *et al.*, 2013).

Estudos de incidência permitem a identificação de áreas de risco, o mapeamento de zonas endêmicas e a correlação entre fatores ambientais e comportamentais que favorecem a transmissão (GREMIÃO *et al.*, 2022). Tais informações são indispensáveis para o planejamento de políticas públicas de saúde animal e humana, uma vez que a esporotricose é considerada zoonose de notificação obrigatória em diversos municípios brasileiros (BRASIL, 2023).

Metodologicamente, a coleta de dados de incidência requer a definição precisa da população em risco, critérios diagnósticos padronizados (clínico, citológico e/ou molecular) e períodos de acompanhamento definidos (THRUSFIELD; CHRISTLEY, 2018). No Espírito Santo, estudos locais realizados por meio de parcerias entre vigilâncias municipais, clínicas veterinárias e universidades públicas têm permitido a construção de bancos de dados regionais, fundamentais para compreender a expansão de *Sporothrix brasiliensis* (GOMES *et al.*, 2025). A análise desses dados contribui para a criação de mapas epidemiológicos nacionais, integrando informações georreferenciadas e subsidiando ações coordenadas entre municípios (ALVAREZ *et al.*, 2022).

A produção de estudos de incidência locais permite avaliar a efetividade das ações de diagnóstico, tratamento e prevenção, além de identificar falhas nos processos de detecção precoce e no controle populacional felino. Esses indicadores aprimoram a vigilância ativa e orientam decisões de saúde pública, fortalecendo a integração entre instituições acadêmicas, serviços veterinários e órgãos de vigilância (RODRIGUES *et al.*, 2020; GREMIÃO *et al.*, 2022).

3.3 SINAIS CLÍNICOS

Os sinais iniciais geralmente incluem nódulos, pápulas ou pústulas que podem evoluir para úlceras com exsudato serosanguinolento, frequentemente localizadas na região cefálica especialmente focinho, orelhas e área periocular além de membros, que são áreas de maior exposição e risco de contato com o ambiente (NELSON e COUTO, 2019; JERICÓ *et al.*, 2023).

Além das lesões cutâneas, a esporotricose felina pode apresentar um quadro de linfadenopatia regional, devido à resposta inflamatória local e à disseminação linfática do agente infeccioso (JERICÓ *et al.*, 2015; MCVEY *et al.*, 2022). Conforme apontam Bison, Parentoni e Brasil (2020), o envolvimento dos linfonodos adjacentes

às áreas lesionadas ocorre com frequência e pode ocasionar aumento do volume dessas estruturas, que se tornam dolorosas à palpação (JERICÓ *et al.*, 2015; MCVEY *et al.*, 2022).

Esse aspecto contribui para a evolução clínica desfavorável se não houver intervenção terapêutica adequada, uma vez que a disseminação para órgãos internos, embora menos comum, é possível e pode ser fatal (GREMIÃO *et al.*, 2022).

O acometimento sistêmico, embora raro, merece destaque por sua gravidade, caracterizando-se pela disseminação hematogênica do fungo, atingindo órgãos como pulmões, fígado e baço (JERICÓ *et al.*, 2015; MCVEY *et al.*, 2022). Dos Santos *et al.* (2023) ressaltam que em gatos imunossuprimidos ou com comorbidades, a esporotricose pode se apresentar de forma disseminada, dificultando o diagnóstico e o tratamento, devido à inespecificidade dos sinais clínicos associados, que podem incluir febre, perda de peso e apatia

Outro aspecto importante dos sinais clínicos da esporotricose em gatos é a alta infectividade das lesões, que liberam conídios viáveis no ambiente para contato direto, a característica friável e ulcerativa das lesões facilita a disseminação do fungo, principalmente em ambientes com alta densidade populacional felina, o que demanda atenção redobrada para o manejo sanitário e a implementação de medidas preventivas que minimizem o impacto da doença tanto no animal quanto na comunidade humana (ROCHA e OLIVEIRA 2024).

Gatos com esporotricose disseminada frequentemente apresentam sinais clínicos graves, como anorexia, perda de peso, apatia e dispneia, podendo evoluir para óbito mesmo sob tratamento adequado (GAGLIARD *et al.*, 2023).

3.4 DIAGNÓSTICO

O diagnóstico da esporotricose em felinos baseia-se em uma combinação de métodos clínicos, laboratoriais e epidemiológicos que permitem identificar a presença do fungo *Sporothrix* e confirmar a infecção (TAYLOR *et al.*, 2022; JERICÓ *et al.*, 2023). Inicialmente, a avaliação clínica das lesões cutâneas, associada ao histórico do animal e a fatores de risco, direciona a suspeita diagnóstica (JERICÓ *et al.*, 2023). De acordo com Berocal e Gomes (2020), a avaliação criteriosa das lesões cutâneas que geralmente são caracterizadas por nódulos ulcerados, áreas de necrose e formação de crostas, desempenha papel fundamental na diferenciação da esporotricose em

relação a outras dermatoses felinas. Essa análise inicial direciona adequadamente a investigação diagnóstica, permitindo a indicação de exames laboratoriais específicos para confirmação do agente etiológico.

A cultura micológica é considerada o padrão-ouro para o diagnóstico da esporotricose, pois permite a identificação direta do agente etiológico. Amostras obtidas por raspado, biópsia ou secreção das lesões são cultivadas em meios específicos, como Sabouraud dextrose ágar, para o isolamento do fungo (MCVEY *et al.*, 2022). Feroldi e Rorig (2024) destacam que a cultura, apesar de demorar alguns dias para crescer, apresenta alta especificidade e possibilita a confirmação do diagnóstico, além de permitir a caracterização do perfil de sensibilidade antifúngica, fundamental para o tratamento adequado.

Além da cultura, exames histopatológicos podem ser realizados para observar a presença do fungo em tecidos, por meio de colorações especiais, como a coloração de Gomori-Grocott. Embora o exame histopatológico não seja tão específico quanto a cultura, ele auxilia na avaliação da extensão da lesão e na confirmação da resposta inflamatória local, sendo especialmente útil em casos de manifestações mais complexas ou atípicas da doença (ARAÚJO, MUNIZ e FREIRE 2025).

Métodos complementares, como a reação em cadeia da polimerase (PCR) e testes sorológicos, têm sido explorados para aumentar a sensibilidade e rapidez do diagnóstico, embora ainda não sejam amplamente disponíveis na rotina veterinária. Esses avanços tecnológicos possibilitam a identificação rápida do fungo diretamente em amostras clínicas, o que pode reduzir o tempo para o início do tratamento e melhorar o prognóstico dos animais afetados (BEROCAL e GOMES, 2020).

O prognóstico da esporotricose felina depende de uma série de fatores clínicos, terapêuticos e epidemiológicos que influenciam diretamente a evolução da doença. A forma localizada, quando diagnosticada precocemente e tratada de maneira adequada, apresenta um prognóstico favorável, com altas taxas de cura clínica. No entanto, atrasos no diagnóstico, falhas no tratamento ou condições imunossupressoras podem agravar o quadro, tornando a recuperação mais demorada e incerta. A adesão ao protocolo terapêutico é o fator mais relevante para o sucesso terapêutico, especialmente em áreas com elevada incidência da doença (BISON, PARENTONI e BRASIL, 2020).

A diferenciação clínica da esporotricose é essencial, pois várias enfermidades felinas podem produzir lesões ulceradas, nodulares ou crostosas semelhantes às

causadas por *Sporothrix*. Entre essas afecções, destaca-se a leishmaniose cutânea, que pode cursar com nódulos e ulcerações crônicas, mimetizando o padrão clínico observado na esporotricose e exigindo investigação laboratorial específica para confirmação (GREMIÃO *et al.*, 2017; RODRIGUES *et al.*, 2014).

As micobacterioses cutâneas, que também evoluem com pápulas, nódulos e úlceras de caráter granulomatoso, constituem outro diagnóstico diferencial relevante, especialmente em casos de lesões persistentes e de difícil cicatrização (JERICÓ *et al.*, 2023).

A criptococose, por sua vez, pode manifestar-se com nódulos e massas ulceradas na região cefálica, frequentemente envolvendo nariz e áreas perioculares, o que reforça sua similaridade clínica com a esporotricose e a necessidade de exames específicos para distinção entre as duas enfermidades (TAYLOR, 2022; JERICÓ *et al.*, 2023).

Além das doenças infecciosas, algumas neoplasias cutâneas, como o carcinoma de células escamosas e o linfoma cutâneo, podem apresentar massas nodulares, áreas ulceradas ou lesões infiltrativas, competindo clinicamente com a esporotricose nos diagnósticos diferenciais iniciais (TAYLOR, 2022; JERICÓ *et al.*, 2023).

Dessa forma, a avaliação clínica detalhada, aliada à consideração sistemática desses diagnósticos diferenciais, é indispensável para orientar adequadamente a investigação laboratorial e estabelecer uma conduta terapêutica precisa.

3.5 TRATAMENTO

O tratamento da esporotricose exige protocolos bem definidos devido ao caráter agressivo da doença e ao seu potencial zoonótico. O itraconazol é considerado o antifúngico de primeira escolha, apresentando eficácia significativa na resolução das lesões cutâneas e na redução da carga fúngica. A dose e a duração variam conforme a gravidade do quadro, sendo recomendado manter o tratamento por quatro a seis semanas após a completa remissão das lesões (JÚNIOR e CORTEZI, 2023). A maior parte dos felinos apresenta boa resposta clínica ao itraconazol, reforçando seu papel como tratamento inicial, enquanto casos refratários podem demandar a associação de iodeto de potássio ou terbinafina (GREMIÃO *et al.*, 2017). A adesão ao tratamento e

o acompanhamento contínuo são determinantes para o sucesso terapêutico, visto que interrupções precoces favorecem recidivas (ALMEIDA *et al.*, 2018; RODRIGUES *et al.*, 2022).

O itraconazol apresenta bom perfil de segurança, porém pode exigir monitoramento hepático, sobretudo em tratamentos prolongados, devido ao risco de alterações hepáticas (PEREIRA *et al.*, 2015). Sua administração deve ser realizada com alimentos, o que aumenta a absorção, e é preferível o uso de formulações encapsuladas ou soluções orais adaptadas para felinos (QUINA *et al.*, 2025). A biodisponibilidade variável do fármaco em gatos reforça a necessidade de acompanhamento clínico e laboratorial ao longo da terapia (GREMIÃO *et al.*, 2017; PEREIRA *et al.*, 2015).

Em casos de maior gravidade, especialmente quando há comprometimento mucoso ou fatores de risco como imunossupressão, recomenda-se associar iodeto de potássio ao itraconazol. As doses variam entre 2,5 e 20 mg/kg/dia, ajustadas de acordo com a resposta clínica (BARROS *et al.*, 2010;). Em estudo randomizado controlado com 166 gatos, a combinação de itraconazol e iodeto de sódio aumentou em 77% a probabilidade de cura clínica e reduziu o tempo de recuperação, independentemente da gravidade e distribuição das lesões (PEREIRA *et al.*, 2015). O iodeto de potássio isolado também é utilizado, embora apresente taxas mais elevadas de falha terapêutica e reações adversas (GREMIÃO *et al.*, 2017).

Os efeitos colaterais devem ser cuidadosamente monitorados. O itraconazol pode causar elevação de ALT/AST e hiporexia, acometendo até 25% dos animais com aumento de ALT e 56,3% com reações adversas leves (RODRIGUES *et al.*, 2022).

O iodeto de potássio apresenta efeitos adversos em 52,1% dos gatos, incluindo sinais gastrointestinais e hepatotoxicidade leve (BARROS *et al.*, 2010; GREMIÃO *et al.*, 2017).

Nos casos refratários, definidos por ausência de resposta após oito a doze semanas de terapia convencional ou confirmação de resistência terapias adjuvantes podem ser necessárias. A aplicação intralesional de anfotericina B associada ao itraconazol tem apresentado resultados positivos em quadros avançados, com remissão clínica em 84,6% e cura completa em 72,7% dos felinos tratados, embora recidivas locais possam ocorrer (GREMIÃO *et al.*, 2009; SANTOS *et al.*, 2019).

Casos graves, com envolvimento sistêmico, disseminação ou falha terapêutica significativa, podem requerer hospitalização e uso de antifúngicos parenterais, como

a anfotericina B intravenosa, uma alternativa reservada a situações específicas devido ao seu risco elevado de toxicidade e à complexidade de administração (PEREIRA *et al.*, 2015). Em situações de esporotricose disseminada, especialmente em animais imunossuprimidos ou com início tardio do tratamento, o prognóstico é considerado reservado a desfavorável (GAGLIARDI *et al.*, 2023).

O abandono do tratamento é um problema recorrente relatado em estudos clínicos e séries de casos, motivado por fatores como custo, dificuldade de administração diária, melhora clínica aparente e falta de compreensão do tutor (RODRIGUES *et al.*, 2022). Em estudos com itraconazol e iodeto de potássio, observou-se reativação e abandono terapêutico em parte dos casos, e até eutanásia em situações de doença avançada, risco zoonótico ou inviabilidade financeira (GREMIÃO *et al.*, 2017; PEREIRA *et al.*, 2015).

3.6 POLÍTICAS PÚBLICAS E VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA DA ESPOROTRICOSE

A esporotricose, especialmente associada a *Sporothrix brasiliensis*, tornou-se um importante problema de saúde pública no Espírito Santo, onde a doença apresentou expansão significativa a partir de 2016, com aumento de casos felinos registrados inicialmente no sul do estado e, posteriormente, na Região Metropolitana de Vitória, incluindo o município de Vila Velha (GOMES *et al.*, 2025). O crescimento da transmissão felina motivou a Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo (SESA-ES, 2023) a elaborar protocolos específicos para vigilância, notificação e manejo clínico, padronizando o uso do sistema e-SUS/VS e orientando ações integradas sob a perspectiva de Saúde Única (SESA-ES, 2023).

No âmbito municipal, Vila Velha estruturou instrumentos normativos próprios para fortalecer o controle da doença. Em 2024, o município aprovou legislação que tornou compulsória a notificação de casos de esporotricose em animais domésticos, formalizada pela Lei Municipal nº 7.056/2024, reforçando a necessidade de comunicação imediata às instâncias de vigilância para execução de medidas de controle (VILA VELHA, 2024). O fluxo de notificação segue as diretrizes estaduais, com preenchimento padronizado das fichas de registro e encaminhamento ao sistema digital de vigilância.

A operacionalização das ações de controle é conduzida pela Unidade de Vigilância de Zoonoses (UVZ) de Vila Velha, responsável por receber notificações, realizar a avaliação clínica dos animais suspeitos, registrar os casos no sistema estadual e implementar medidas como tratamento, encaminhamento ou, quando previsto em protocolo, eutanásia humanitária (SESA-ES, 2023; GOMES *et al.*, 2025). O município mantém canais de atendimento e orientação à população, possibilitando o encaminhamento rápido de animais suspeitos para avaliação.

A SESA e as prefeituras da Região Metropolitana, incluindo Vila Velha, publicam boletins, alertas epidemiológicos e materiais educativos voltados à população e aos profissionais da saúde humana e veterinária, abordando prevenção, diagnóstico, manejo clínico e o uso de equipamentos de proteção individual (SESA-ES, 2023). Essas iniciativas dialogam com o aumento do número de casos felinos e com a necessidade de ampliar a conscientização pública.

Apesar dos avanços normativos e operacionais, persistem desafios estruturais que dificultam a resposta adequada à doença. A literatura mostra que unidades de vigilância e serviços de zoonoses frequentemente operam com limitações de recursos humanos, fármacos e infraestrutura, o que compromete ações de campo e programas de tratamento contínuo, especialmente em áreas com maior concentração de gatos errantes (GOMES *et al.*, 2025). Iniciativas de fornecimento de antifúngicos para tutores de baixa renda ou para animais em situação de rua ainda dependem de investimentos municipais e de parcerias com instituições e organizações da sociedade civil.

Clínicas veterinárias públicas e privadas desempenham papel central na detecção precoce de casos, orientação aos tutores, coleta de amostras e notificação obrigatória conforme as normas municipais e estaduais (SESA-ES, 2023). Além disso, organizações não governamentais atuam de forma complementar, especialmente no acolhimento de animais de rua, na promoção de campanhas de castração e no suporte a tratamentos, podendo colaborar com a UVZ em períodos de maior demanda.

Estudos espaciais recentes identificaram áreas de maior transmissão *hotspots* em municípios metropolitanos como Vila Velha, caracterizadas por alta densidade populacional, circulação de gatos errantes e condições socioambientais que favorecem a disseminação da enfermidade (GOMES *et al.*, 2025). Esses achados reforçam a necessidade de estratégias intersetoriais mais amplas, integração entre

vigilância, serviços veterinários e ONGs, e investimentos contínuos em estrutura e capacitação.

4. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa descritiva, de abordagem quantitativa e caráter retrospectivo, voltada à análise da incidência de casos de esporotricose em felinos no município de Vila Velha (ES), no período compreendido entre janeiro de 2023 e julho de 2025.

Os dados utilizados para este trabalho foram obtidos junto a Unidade de Vigilância de Zoonoses (UVZ) da Prefeitura Municipal de Vila Velha – Espírito Santo, mediante consulta aos registros oficiais disponibilizados pela equipe técnica da unidade e pela Plataforma E-SUS.

4.1 CRITÉRIO DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO

Foram incluídos no estudo todos os casos oficialmente notificados como esporotricose felina no município durante o período analisado.

O critério de confirmação da doença seguiu os padrões estabelecidos pelo serviço da UVZ, com base em avaliação clínica e exames laboratoriais disponibilizados pela rede municipal.

Foram excluídos da análise:

- Registros duplicados;
- Casos ainda em acompanhamento sem desfecho até a data final da análise.

4.2 VARIÁVEIS ANALISADAS

As informações coletadas foram organizadas em uma planilha eletrônica no Microsoft Excel®, contendo as seguintes variáveis:

- Dados epidemiológicos:
 - Ano da notificação
 - Bairro de origem do animal
 - Presença ou ausência de contactantes (animais e/ou humanos)
 - Vínculo com responsável (domiciliado, semidomiciliado, errante)
- Dados do animal:
 - Idade
 - Sexo
 - Raça

- Estado reprodutivo (castrado ou não)
- Dados clínicos:
 - Sinais clínicos
 - Tempo de evolução até o diagnóstico
 - Apresentação clínica da doença (localizada, disseminada, mucocutânea)
- Diagnóstico:
 - Método utilizado para confirmação (clínico, citologia, cultura micológica, outros)
 - Presença de exame laboratorial confirmatório
- Conduta terapêutica:
 - Tratamento realizado (sim ou não)
 - Resposta ao tratamento (cura, melhora parcial, sem resposta)
 - Duração do tratamento
- Desfecho clínico:
 - Cura clínica
 - Óbito
 - Evasão (abandono do tratamento ou perda de acompanhamento)

4.3 ANÁLISE DE DADOS

A análise foi realizada por meio de estatística descritiva, utilizando frequências absolutas e relativas para caracterização das variáveis categóricas: raça, sexo, *status* reprodutivo, sinais clínicos apresentados, contactantes, exames realizados como diagnóstico, animais tratados, resposta ao tratamento e distribuição anual dos casos, o número de recolhimentos, os desfechos clínicos (cura, óbito, evasão) e os possíveis avanços ou retrocessos nas ações de controle durante o período do levantamento.

Os dados contínuos (como idade e tempo de evolução clínica) foram descritos por média, mediana e desvio padrão, conforme a distribuição.

Os resultados foram organizados em tabelas, quadros e gráficos, com o objetivo de facilitar a visualização dos padrões observados e a identificação de possíveis tendências epidemiológicas, clínicas ou terapêuticas.

5. RESULTADOS

Durante o período compreendido entre janeiro de 2023 e julho de 2025, foram notificados 1205 casos de esporotricose felina no município de Vila Velha (ES), conforme registros da Unidade de Vigilância de Zoonoses (Plataforma E-SUS)

No ano de 2023, foram registrados 452 casos. Destes, 44 animais foram recolhidos institucionalmente entre os meses de setembro e dezembro e 298 felinos finalizaram o tratamento, sendo observados 98 óbitos e 56 evasões (abandono ou perda de acompanhamento).

Em 2024, foram notificados 405 casos. Houve um aumento expressivo no número de animais recolhidos, totalizando 180 felinos ao longo de todo o ano; 322 casos evoluíram para finalização do tratamento, com registro de 45 óbitos e 38 evasões.

Já no primeiro semestre de 2025 (janeiro a julho), foram notificados 348 novos casos. Destes, 51 animais foram recolhidos pela UVZ. Até o momento da análise, não havia sido registrado nenhum óbito ou evasão, e os tratamentos ainda estavam em curso, tendo alguns já finalizados, motivo pelo qual não foi possível contabilizar os casos com desfecho clínico finalizado após o período de coleta de dados.

Na tabela 1, está descrito as informações, separadas por cada ano da vigência do estudo, relacionadas aos casos notificados, animais que foram recolhidos, número de felinos que finalizaram o tratamento, número de óbitos e evasões.

TABELA 1. Distribuição anual dos casos de esporotricose em gatos, número de animais recolhidos, tratamentos finalizados, óbitos e evasões registrados em Vila Velha (2023–2025).

Ano	Casos	Medicação	Animais Recolhidos	Tratamento Finalizado	Óbitos	Evasões
2023	452	Todos	44 (set-dez)	298	98	56
2024	405	Todos	180 (jan-dez)	322	45	38
2025	348	Todos	51 (jan-jul)	198	0	0

Fonte: Plataforma E-SUS - UVZ Vila Velha (2025).

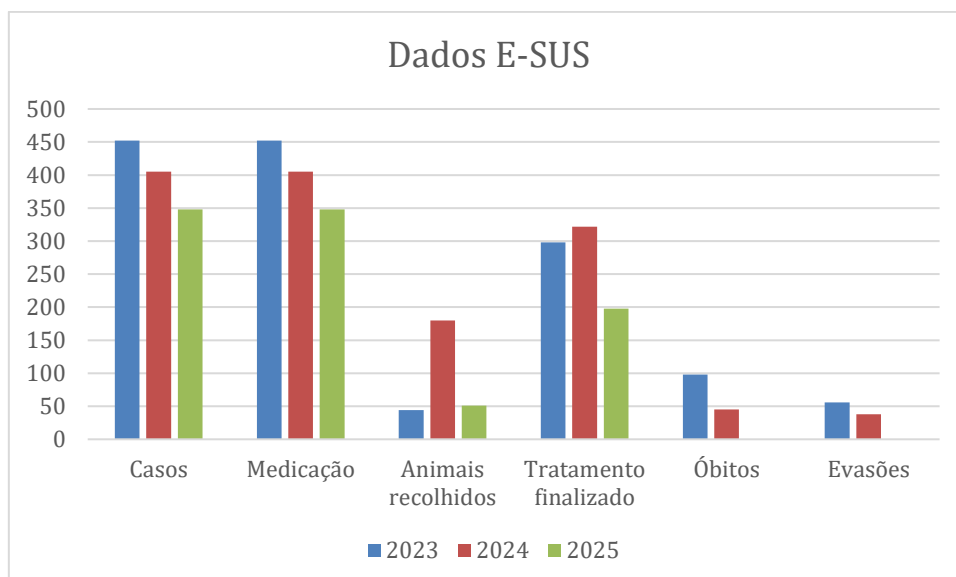


Figura 1. Distribuição anual dos casos de esporotricose felina e principais indicadores clínico-epidemiológicos registrados no município de Vila Velha (2023–2025).

Todos os animais diagnosticados receberam medicação para tratamento de forma gratuita pela prefeitura, sendo disponibilizado o antifúngico itraconazol de 100mg, correspondendo a uma dose de 100mg/animal, a cada 24 horas, para o período de tratamento, avaliado individualmente para cada paciente, sendo o último mês com o animal já sem nenhuma ulceração na pele. Em alguns casos foi prescrito a associação com o iodeto de potássio, medicação não fornecida pela prefeitura, sendo adquirida pelo próprio tutor do animal. O acompanhamento da resposta terapêutica foi realizado pelos veterinários dentro da unidade, onde os responsáveis levavam os pacientes, pela de visita dos agentes no domicílio ou acompanhamento da equipe em clínicas parceiras.

A prefeitura adotou uma medida de recolher animais nos casos em que esses viviam em condições precárias, eram errantes e/ou quando as lesões estavam mais graves. Nesses casos, os felinos eram levados para uma clínica parceira, onde o tratamento era realizado até a cura clínica, sendo posteriormente castrados e entregues aos seus tutores.

Os animais errantes foram enviados a ONGs e, lá foram feitas feiras para adoções. Tal medida foi adotada para evitar tratamentos incompletos e evasões. Alguns animais vieram a óbito durante o tratamento.

Foram encontrados registros de atendimentos na UVZ de 403 animais que estavam descritos em prontuários próprios da unidade e que faziam parte dos casos notificados durante o período de estudo.

Assim, desses animais, verificou-se que dos 92 bairros existentes em Vila Velha - ES, os animais desses registros pertenciam a 81 bairros, sendo os cinco mais acometidos: Alecrim (16 casos, 3,97%), Ataíde (17 casos, 4,22%), Barramares (20 casos, 4,96%), Cobilândia (24 casos, 5,96%) e Santa Inês (18 casos, 4,47%), conforme observado na figura 2.

Considerando a divisão da cidade de Vila Velha em regiões, foi observado que a maior concentração de casos estava em bairros com vulnerabilidade social acentuada, refletida por baixa renda per capita e condições sanitárias inadequadas.

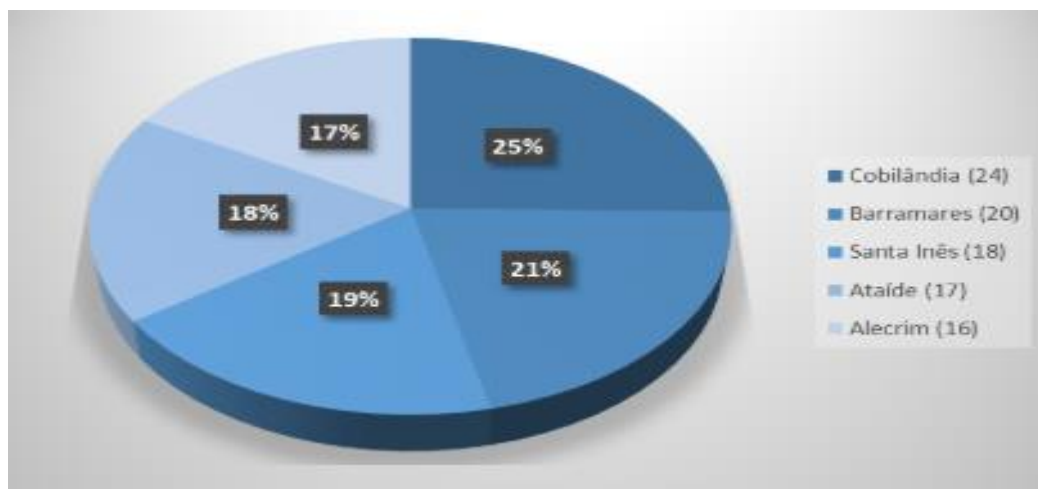


Figura.2 - Distribuição dos casos de esporotricose felina por bairro em Vila Velha-ES. Os registros abrangeram 81 dos 92 bairros, com maior ocorrência em Cobilândia (5,96%), Barramares (4,96%), Santa Inês (4,47%), Ataíde (4,22%) e Alecrim (3,97%).

Em relação ao estado reprodutivo, encontrou-se informações em 254 prontuários, desses 61 eram castrados, 193 inteiros (Figura 3) na maioria machos (Figura 4), desses a maior faixa etária estava entre um e três anos, conforme tabela 2.

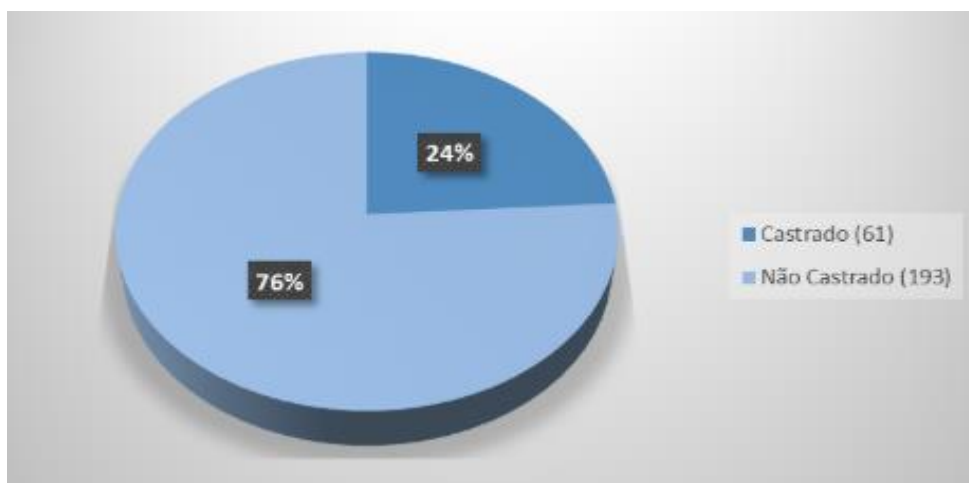


Figura.3 - Estado reprodutivo dos felinos atendidos pela UVZ.

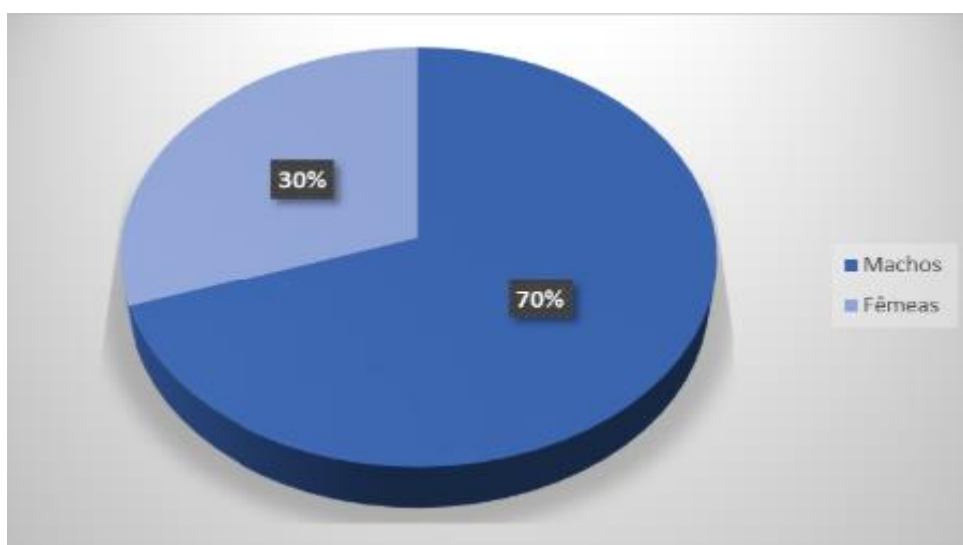


Figura.4 - Distribuição do sexo dos felinos atendidos pela UVZ de Vila Velha ES.

Tabela 2 - Distribuição etária dos felinos atendidos pela UVZ de Vila Velha-ES. A maioria dos casos concentrou-se em animais jovens de 1 a 3 anos (52,33%), seguida pela faixa de 3 a 6 anos (36,27%).

Faixa Etária	Quantidade	Porcentagem
0-1	10	5,18%
1-3	101	52,33%
3-6	70	36,27%
6-10	8	4,15%
>10	4	2,07%

Em 130 prontuários, verificou-se que dois viviam em abrigo, 14 em apartamento, 111 em casa, dois em comércio e um em ambiente comunitário. Desses 130 animais, 63 eram domiciliados, 65 semidomiciliados, um comunitário e um errante.(Figura 5)

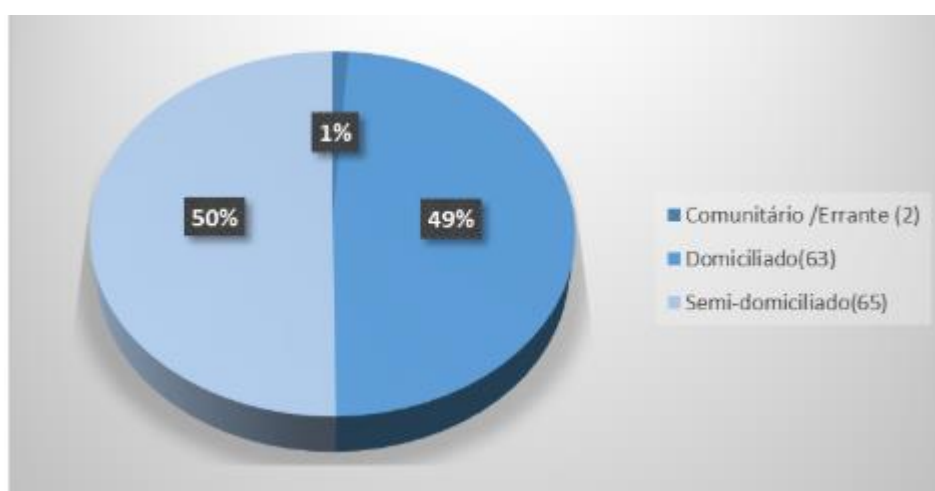


Figura 5 - Condição de moradia e tipo de manejo dos felinos atendidos pela UVZ de Vila Velha-ES. Foi visto que maioria dos animais vivia em casas seguida de apartamentos. Quanto ao manejo, 63 eram domiciliados (48,46%) e 65 semidomiciliados (50%), indicando maior exposição ambiental.

Foi visto em 321 prontuários que 258 gatos acometidos conviviam com contactantes e 63 não, conforme observado na figura 6. Das espécies contactantes, 36 eram cães, 118 felinos e 86 conviviam com cães e gatos. Em relação aos números

de contactantes, foi verificado que 40 animais conviviam com apenas um contactante, 102 casos tinham entre dois a cinco contactantes, 35 animais apresentavam entre seis a dez contactantes, 12 casos conviviam com 11 a 20 contactantes, 17 casos entre 21 a 30 contactantes e dez casos acima de 30 contactantes.

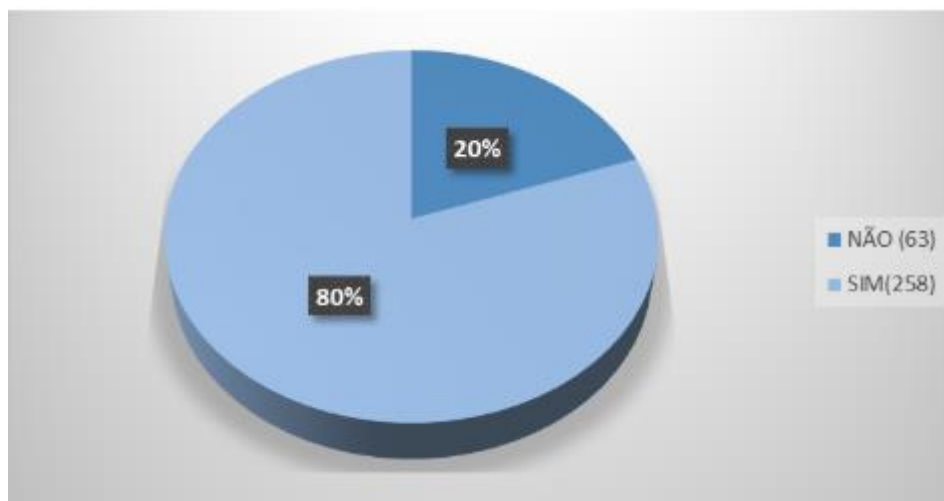


Figura 6-Convivência com contactantes entre felinos acometidos por esporotricose em Vila Velha-ES.

Verificou-se em 138 prontuários a incidência de humanos que apresentavam lesões cutâneas, sendo 15 positivos para esporotricose e 123 negativos. Em 296 prontuários, foi registrado que 18 pessoas haviam sofrido agressão pelo felino e 278 não.

Quanto à presença de lesões, verificou-se que 92 de 110 animais (83,6%) apresentavam lesões aparentes nos prontuários avaliados. A distribuição da quantidade de lesões foi registrada em 101 animais, dos quais 16 (15,8%) apresentavam lesões disseminadas (mais de cinco lesões), 50 (49,5%) tinham lesões múltiplas (até cinco lesões), 33 (32,7%) apresentavam lesão única e 2 (2,0%) não tinham lesões descritas.

Em relação à localização das lesões, os achados foram calculados conforme o total disponível para cada região corporal. Lesões na cabeça foram identificadas em 55 de 100 animais (55,0%); na pele, em 35 de 91 animais (38,5%); no corpo, em 29 de 95 animais (30,5%); nos membros torácicos, em 39 de 95 animais (41,1%); nos membros pélvicos, em 29 de 93 animais (31,2%); na cauda, em 9 de 91 animais (9,9%); na boca, em 4 de 89 animais (4,5%); na narina, em 44 de 90 animais (48,9%);

e nos olhos, em 15 de 88 animais (17,0%). Esses resultados demonstram maior acometimento de regiões cranianas, especialmente cabeça e narinas.

Na figura 7 é possível visualizar as regiões mais afetadas.

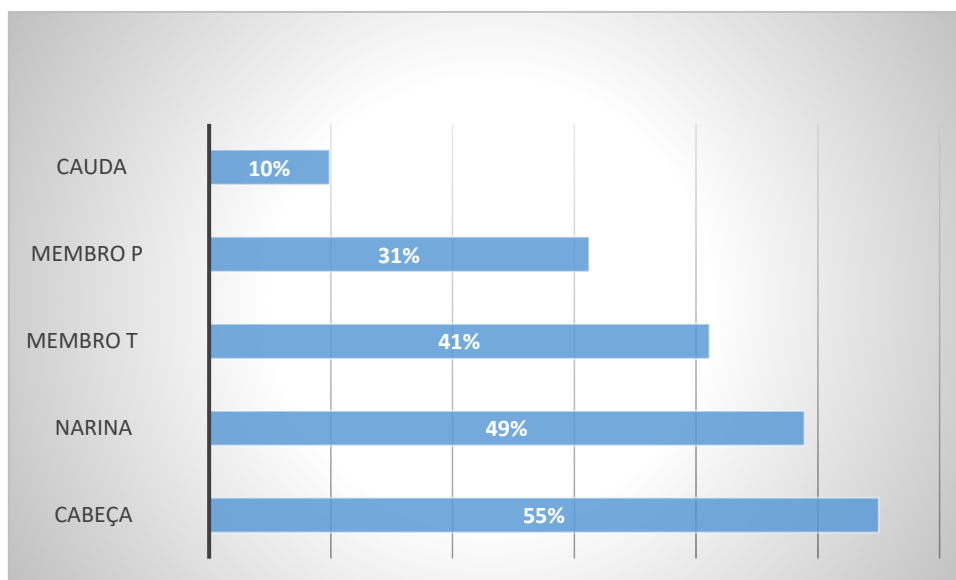


Figura 7 - Localização das lesões em felinos acometidos por esporotricose atendidos pela UVZ de Vila Velha–ES. As lesões ocorreram predominantemente em áreas frequentemente expostas durante interações e comportamento felino. P = pélvico. T = torácico.

Em relação aos sinais clínicos, os registros apontaram: Aumento de volume nasal em 37 de 78 animais (47,4%), espirro em 55 de 116 animais (47,4%), dispneia em 22 de 113 animais (19,5%) e secreção nasal em 26 de 114 animais (22,8%) animais.

Foi encontrado 106 prontuários com a informação sobre o diagnóstico dos pacientes, desses 100 foi realizado na UVZ e seis em clínicas particulares, o restante não continha essa informação. Quanto ao ano, verificou-se registro de 51 casos em 2023 e 53 em 2024. Desses 106 diagnósticos, 52 foram obtidos pela citologia, 53 pela histopatologia e um pela cultura fúngica (Figura 8).

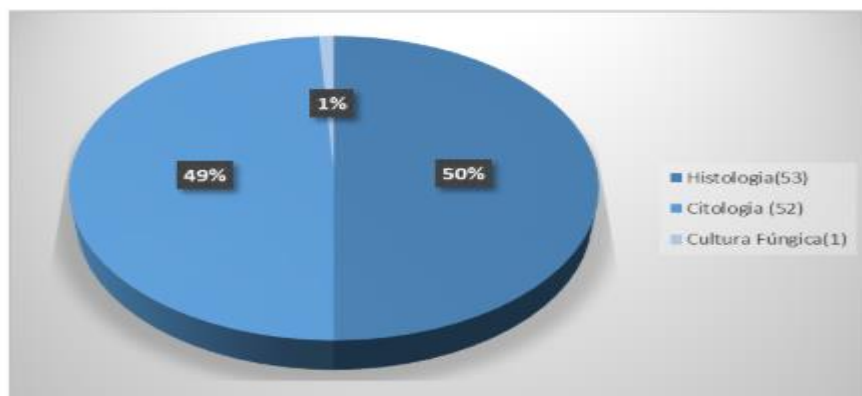


Figura 8 - Métodos diagnósticos utilizados nos casos de esporotricose felina atendidos pela UVZ de Vila Velha–ES.

6. DISCUSSÃO

Apesar dos 1205 casos notificados durante o período do estudo, apenas 403 animais apresentavam prontuários em arquivos na unidade, contudo com muitas informações sem preenchimento, o que prejudica a análise da correlação dessas variáveis descritas com a esporotricose, por ser pouco representativa, conforme descrito nos resultados. Nesses prontuários foram encontrados informações epidemiológicas, clínicas e terapêuticas.

A análise dos registros da UVZ de Vila Velha entre 2023 e julho de 2025 evidenciou ampla distribuição territorial dos casos, com registros em 81 dos 92 bairros do município. Esse padrão demonstra que a infecção se encontra estabelecida no território urbano, com maior concentração em regiões caracterizadas por vulnerabilidade social, condições sanitárias insuficientes e menor acesso a serviços veterinários. A literatura aponta que fatores socioeconômicos influenciam diretamente a manutenção e expansão da esporotricose, sobretudo em áreas urbanas densamente ocupadas, com grande circulação de felinos e maior exposição a ambientes contaminados (LUCENA *et al.*, 2023; TÓFFOLI *et al.*, 2022; FERREIRA *et al.*, 2025).

O elevado número de gatos inteiros identificados indica fragilidades no controle populacional felino, aspecto fundamental para a contenção de zoonoses urbanas. Estudos demonstram que animais não castrados apresentam maior mobilidade, envolvem-se mais frequentemente em brigas e têm maior probabilidade de contato com felinos infectados, ampliando a cadeia de transmissão (ALMEIDA *et al.*, 2018; GONDIM; LEITE, 2020). A predominância de animais semidomiciliados reforça esse

risco, uma vez que esses indivíduos transitam livremente entre residências, ruas e áreas comunitárias, facilitando a interação com outros felinos suscetíveis ou já doentes (TÓFFOLI *et al.*, 2022; GREMIÃO *et al.*, 2014).

A presença de múltiplos animais em um mesmo domicílio também se destacou como fator relevante para a disseminação da doença. Ambientes com elevada densidade animal, práticas inadequadas de manejo ou baixa higienização favorecem a transmissão direta e indireta entre felinos. Evidências apontam que colônias, abrigos e residências com superpopulação apresentam maior taxa de ocorrência de esporotricose devido ao aumento do contato físico, compartilhamento de ambientes e manutenção de fontes ambientais contaminadas (GREMIÃO *et al.*, 2014; GREMIÃO *et al.*, 2022; GONDIM; LEITE, 2020). Assim, a convivência interespecie e intraespecie observada nos prontuários analisados está alinhada ao perfil epidemiológico descrito na literatura.

A identificação de 15 humanos com confirmação laboratorial de esporotricose reforça o potencial zoonótico e a relevância em saúde pública da enfermidade. Embora o número seja inferior ao total de casos felinos, a ocorrência de infecções humanas fortemente sugere transmissão direta por meio de arranhaduras, mordeduras ou contato com secreções de animais infectados, conforme amplamente documentado (NUNES; ESCOSTEGUY, 2005; PEREIRA *et al.*, 2015). A presença de indivíduos com lesões suspeitas, porém negativas, pode refletir subdiagnóstico, dificuldade de acesso ao atendimento ou coleta inadequada de material clínico.

A avaliação dos padrões de lesões nos gatos acometidos revela o caráter agressivo da doença no município. Lesões múltiplas e disseminadas foram predominantes, envolvendo principalmente cabeça, narinas e membros — regiões associadas a brigas, arranhaduras e comportamentos de higienização típicos dos felinos. O acometimento nasal, frequentemente acompanhado de espirros, secreções e aumento de volume, corresponde ao padrão clínico esperado para a forma cutaneomucosa, reconhecida por apresentar alta carga fúngica e maior capacidade de transmissão (ROCHA e OLIVEIRA, 2024).

A maior parte dos diagnósticos foi estabelecida por meio de citologia e histopatologia, métodos amplamente utilizados no contexto da vigilância pública por sua rapidez e acessibilidade. Embora o exame cultural seja considerado padrão-ouro, sua baixa utilização sugere limitações estruturais e operacionais, situação semelhante à observada em outros protocolos de vigilância nacional e regional (LECH *et al.*, 2022).

A predominância de diagnósticos realizados na própria UVZ evidencia capacidade técnica instalada, mas ressalta a importância de integração contínua com clínicas privadas e laboratórios de referência para aprimorar a acurácia diagnóstica.

O aumento discreto de registros entre 2023 e 2024 pode refletir tanto expansão real da doença quanto maior sensibilidade do sistema de notificação, especialmente após o fortalecimento das ações de vigilância e da obrigatoriedade de notificação no município. A literatura demonstra que a ampliação dos mecanismos de vigilância costuma elevar o número de casos registrados sem necessariamente representar aumento da incidência real (LUCENA *et al.*, 2023).

De forma geral, os achados demonstram que a esporotricose felina em Vila Velha apresenta comportamento epidêmico sustentado, determinado por uma combinação de fatores ambientais, sociais e comportamentais. A ampla distribuição territorial, a elevada proporção de animais inteiros e semidomiciliados, a convivência frequente entre múltiplos animais e a ocorrência de casos humanos reforçam a necessidade de estratégias intersetoriais contínuas, envolvendo vigilância, assistência veterinária, educação em saúde e políticas públicas de controle populacional felino (GREMIÃO *et al.*, 2017).

A implementação de políticas públicas voltadas ao controle populacional, à educação sanitária e à ampliação do acesso a serviços veterinários gratuitos ou subsidiados é essencial para reduzir a transmissão e prevenir novos surtos. A consolidação dessas ações, aliada à vigilância contínua e à sensibilização da população, constitui o caminho mais promissor para o enfrentamento efetivo da esporotricose no município de Vila Velha. Nesse sentido, a Prefeitura Municipal, por meio da Unidade de Vigilância de Zoonoses e de parcerias intersetoriais, já vem promovendo campanhas de castração, ações educativas voltadas à posse responsável e ao manejo adequado de felinos. Essas iniciativas demonstram um compromisso crescente do poder público com o controle da esporotricose e representam um avanço concreto na direção das metas preconizadas para a contenção da doença em âmbito municipal (TÓFFOLI *et al.*, 2022; FERREIRA *et al.* 2025).

A incidência de esporotricose em felinos no município de Vila Velha apresenta um cenário epidemiológico preocupante e de relevância para a saúde pública veterinária e humana. De acordo com os dados levantados entre os anos de 2023 e março de 2025, observa-se a ocorrência de 1205 casos registrados, sendo 452 casos

em 2023, 405 em 2024 e 348 apenas no primeiro semestre de 2025. Essa distribuição evidencia a permanência da doença como um problema ativo e recorrente, reforçando o alerta para a necessidade de ações de controle contínuas e eficazes. A alta incidência revela que o município está inserido em uma zona endêmica da micose, condizente com o padrão observado em diversas regiões brasileiras (LUCENA *et al.*, 2023). A análise anual indica uma ligeira redução nos casos entre 2023 e 2024, o que pode sugerir algum impacto positivo das ações de vigilância e tratamento implementadas nesse período. No entanto, a persistência de números elevados e o registro de 348 casos em seis meses de 2025, apontam para a manutenção da cadeia de transmissão ativa entre os felinos da cidade. Tal padrão segue a tendência descrita por Lucena *et al.* (2023), que destacam a urbanização desordenada e a presença de felinos errantes como fatores determinantes para a disseminação da esporotricose, especialmente em áreas de grande densidade populacional.

Outro dado relevante é o aumento expressivo no número de gatos recolhidos, que passou de 44 em 2023 para 180 em 2024, indicando intensificação das medidas de captura e controle populacional. Essa ampliação das ações de manejo pode ter contribuído para a redução dos óbitos, que diminuíram de 98 em 2023 para 45 em 2024, bem como para a queda significativa nas evasões, de 56 para 38 casos no mesmo período, sugerindo melhorias nos protocolos de contenção e acompanhamento dos animais em tratamento (Secretaria Municipal de Saúde de Vila Velha, 2024).

Esses fatores impactam diretamente a eficácia dos programas de controle da esporotricose, uma vez que gatos evadidos permanecem como potenciais fontes de infecção no ambiente urbano, podendo manter a cadeia de transmissão. Assim, a redução das evasões representa um indicador positivo de efetividade das estratégias de vigilância e manejo populacional felino (GREMIÃO *et al.*, 2014; BARROS *et al.*, 2010).

O aumento precoce dos casos em 2025, mesmo sem registros de óbitos ou evasões até julho, sugere que o sistema de saúde animal do município tem reagido com mais eficiência no início do ano. Ainda assim, a persistência da alta incidência reforça a observação de Lucena *et al.* (2023) de que o controle da esporotricose exige estratégias sustentadas e intersetoriais. A vigilância ativa, aliada ao tratamento sistemático e à educação da população sobre a guarda responsável e os riscos

zoonóticos, deve ser intensificada para que a curva de novos casos possa ser efetivamente reduzida nos próximos anos.

As características clínicas da esporotricose em gatos acometidos pela doença em Vila Velha seguem o padrão descrito na literatura, apresentando-se majoritariamente sob a forma cutânea, com lesões ulceradas, nodulares e exsudativas. De acordo com Feroldi e Rorig (2024), essas manifestações são típicas da infecção pelo fungo do complexo *Sporothrix*, sobretudo *S. brasiliensis*, que possui maior virulência. As lesões são geralmente observadas na região da cabeça, focinho, orelhas e membros anteriores, locais expostos a traumas e contato com outros animais, facilitando a inoculação do patógeno.

Os dados obtidos entre 2023 e julho de 2025 reforçam essa apresentação clínica compatível com a evolução esperada da doença. A taxa de óbitos registrada em 2023 (98) e 2024 (45), aliada a redução número de evasões (56 em 2023 e 38 em 2024), indica que apesar da gravidade dos quadros clínicos houve uma evolução de manejo terapêutico em alguns casos. Segundo Feroldi e Rorig (2024), a alta carga fúngica presente nas lesões e a tendência à autoinoculação agravam o quadro, especialmente em gatos que apresentam comportamento agressivo ou vivem em situação de rua.

Apesar de todos os animais terem recebido tratamento, conforme demonstrado na tabela, a não conclusão do protocolo por alguns indivíduos (principalmente em 2023) evidencia como os sinais clínicos podem persistir ou se agravar quando o tratamento é interrompido. Feroldi e Rorig (2024) destacam que o sucesso terapêutico depende do tempo de resposta clínica, da extensão das lesões e da condição imunológica do animal. Em felinos imunocomprometidos, há risco de disseminação sistêmica da infecção, o que torna o prognóstico reservado.

A ausência de óbitos e evasões até julho de 2025 pode estar relacionada ao diagnóstico mais precoce e ao acompanhamento mais próximo dos casos, refletindo uma evolução clínica menos agressiva ou, ainda, uma melhora na eficiência dos protocolos de manejo e contenção. Conforme apontam Feroldi e Rorig (2024), a detecção precoce e a intervenção imediata reduzem o tempo de lesão ativa e a gravidade dos sinais clínicos, além de minimizar o risco de transmissão zoonótica. Portanto, compreender as manifestações clínicas da esporotricose felina é essencial para guiar a conduta terapêutica e orientar medidas de controle eficazes no âmbito da saúde pública veterinária.

A esporotricose felina representa um desafio crescente para a saúde única especialmente em regiões urbanas com elevada densidade populacional de animais domésticos e errantes. Trata-se de uma zoonose de impacto coletivo, cuja cadeia de transmissão envolve diretamente os gatos como principais vetores e os humanos como potenciais hospedeiros. Conforme Teixeira e Zat (2021), a esporotricose é classificada como uma zoonose negligenciada, não apenas pela sua subnotificação, mas também pela escassez de políticas públicas eficazes voltadas à prevenção, ao controle e ao tratamento dos casos em animais e humanos.

Segundo Teixeira e Zat (2021), quando esse sucesso não ocorre contribuem para a formação de reservatórios animais altamente contaminantes, elevando o risco de infecção para humanos, especialmente para responsáveis, profissionais da saúde e populações vulneráveis, o que não tem sido o caso do município de Vila Velha.

O risco à saúde pública se intensifica devido à proximidade entre humanos e gatos domésticos, particularmente em contextos de vulnerabilidade social, nos quais o controle sanitário é precário, deste modo a esporotricose felina tornou-se um problema alarmante, não apenas pela alta taxa de infecção animal, mas também pelo crescimento do número de casos humanos. A ausência de campanhas educativas, a negligência no manejo de felinos infectados e o desconhecimento da população quanto à natureza zoonótica da doença favorecem a sua disseminação, exigindo intervenções integradas entre a saúde humana e a saúde animal, dentro da abordagem *One Health* (BRIZENO, SILVA e BASSOLI, 2020)

Além do impacto na saúde dos indivíduos, a esporotricose também acarreta sobrecarga aos serviços públicos, incluindo as unidades básicas de saúde e os centros de zoonoses. Segundo os atendimentos de pessoas acometidas por formas cutâneas ou disseminadas da doença requerem acompanhamento prolongado e uso de antifúngicos de alto custo, como o itraconazol, o que representa um ônus significativo para o sistema de saúde. Ainda, há a necessidade de vigilância epidemiológica eficiente, capaz de identificar surtos, mapear áreas endêmicas e promover ações de controle e prevenção em tempo hábil (TÓFFOLI *et al*, 2022).

Portanto, reconhecer a esporotricose como uma zoonose de relevância crescente é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas eficazes. A articulação entre os setores da saúde humana, veterinária e ambiental deve ser reforçada, visando o diagnóstico precoce, o tratamento adequado dos casos humanos e animais, o controle da população felina errante, e é imprescindível que os gestores

públicos considerem a esporotricose como uma ameaça real à saúde coletiva, sendo fundamental a implementação de programas de educação sanitária, acesso gratuito a tratamentos e incentivo à castração e guarda responsável de animais (ASSIS *et al*, 2022).

No campo da medicina veterinária, a esporotricose demanda uma abordagem clínica rigorosa e continuada, além de implicar custos elevados com diagnóstico, tratamento prolongado e internações em casos graves. A elevada carga fúngica presente nas lesões de felinos acometidos, aliada à resistência ao tratamento em alguns casos, impõe desafios ao manejo clínico e biossegurança desses animais. Teixeira e Zat (2021) enfatizam que o papel do médico-veterinário vai além do atendimento individual, estendendo-se à educação do tutor, à vigilância epidemiológica e à articulação com os serviços de saúde pública para mitigação dos riscos zoonóticos.

A diminuição de casos observada diante dos esforços de contenção, como o aumento no número de gatos recolhidos, evidencia a necessidade de uma atuação intersetorial integrada. Atualmente, a Prefeitura do Município mantém programas de castração em massa, campanhas educativas voltadas à população e monitoramento contínuo da população felina, medidas fundamentais para o controle sustentável da zoonose.

Outra ação positiva implementada pelo poder público foi o convênio com clínicas particulares para o recolhimento de animais errantes, além do apoio e organização de campanhas de adoção responsável, estratégias que contribuem para reduzir o número de animais em situação de rua e, conseqüentemente, o risco de disseminação da *Sporothrix brasiliensis*.

Conforme observam Teixeira e Zat (2021), apenas estratégias sustentadas e articuladas entre a medicina veterinária, a saúde coletiva e a educação sanitária podem efetivamente conter o avanço da esporotricose e reverter seu status de zoonose negligenciada (GREMIÃO *et al.*, 2014; GREMIÃO *et al.*, 2017).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da incidência da esporotricose em felinos no município de Vila Velha, entre os anos de 2023 e julho de 2025, evidenciou a manutenção de um cenário

endêmico, com elevada ocorrência de casos e importantes implicações para a saúde pública e a medicina veterinária. Os dados epidemiológicos indicaram que, os esforços no tratamento e no recolhimento dos animais, a diminuição de evasões e óbitos reflete a eficácia das estratégias adotadas, nas ações de vigilância, controle populacional e acompanhamento terapêutico. A alta carga de infecção nos gatos e sua estreita convivência com os humanos tornam essa zoonose uma ameaça concreta à saúde coletiva, por isso é de suma importância as estratégias adotadas, mostrando que os achados do estudo precisa ser tratada como uma questão intersetorial, não só de interesse veterinário, que exige articulação entre todos os setores da saúde.

Por fim, este trabalho contribui para o entendimento mais aprofundado da dinâmica da esporotricose felina em contexto urbano, oferecendo dados locais e reflexões que podem subsidiar futuras intervenções técnico-científicas e institucionais. Espera-se que os resultados aqui apresentados sirvam como base para o fortalecimento de ações interdisciplinares, pautadas na prevenção, no diagnóstico precoce e no controle populacional, assegurando maior proteção à saúde animal e humana. A continuidade das pesquisas e do monitoramento epidemiológico é essencial para o enfrentamento eficiente desta zoonose que, apesar de conhecida, ainda persiste como um desafio para os sistemas de saúde pública não só na cidade de Vila Velha, mas também no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Adriana J. *et al.* Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, p. 1438-1443, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-5150-PVB-5559>
- ALVAREZ, Carmen Magaly; OLIVEIRA, Manoel Marques Evangelista; PIRES, Regina Helena. Sporotrichosis: a review of a neglected disease in the last 50 years in Brazil. **Microorganisms**, v. 10, n. 11, p. 2152, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/microorganisms10112152>
- ARAÚJO, Flávia Ferreira; MUNIZ, Roberta Ferreira; FREIRE, Marco Antonio. Estudo retrospectivo de 10 felinos diagnosticados com esporotricose no complexo público veterinário de belo horizonte. **Revista de trabalhos acadêmicos - universo Belo Horizonte**, v. 1, n. 10, 2025.
- ARNOLD, Rafael *et al.* Conhecimento quanto à infecção por esporotricose em humanos entre tutores de gatos no município de São Paulo, Brasil. **Pubvet**, v. 15, p. 188, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v15n10a939.1-5>
- ASSIS, Gabriela Silva *et al.* Esporotricose felina e saúde pública. *Veterinária e Zootecnia*, v. 29, p. 1-10, 2022. Disponível em: <https://rvz.emnuvens.com.br/rvz/article/download/594/547>
- BARROS, Monica Bastos de Lima *et al.* Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 27, n. 6, p. 455-460, 2010. Disponível em: https://www.scielo.org/pdf/rpsp/v27n6/07.pdf?utm_source=chatgpt.com
- BEROCAL, Geovana Maria Ceregatti; GOMES, Deriane Elias. Esporotricose em felinos. **Revista Científica Unilago**, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/334>
- BISON, I.; PARENTONI, R. N.; BRASIL, A. W. L. Metanálise de esporotricose felina: um destaque para sua ocorrência no Brasil. *Ars Veterinaria*, v. 36, n. 4, p. 301-315, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15361/2175-0106.2020v36n4p301-315>
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico: Esporotricose no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.
- BRIZENO, Mayza Costa; SILVA, Eliete Cavalcanti; BASSOLI, Ariene Cristina Dias Guimarães. O problema de saúde pública da esporotricose felina no estado de Pernambuco, Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n12-011>
- DA SILVA, Laís Formiga *et al.* Casuística dermatológica de animais provenientes de famílias em vulnerabilidade social em Pelotas-RS. **Observatório de La Economía Latino Americana**, v. 22, n. 2, p. e3370-e3370, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/oelv22n2-176>

DOS SANTOS, Ana Carolina Almeida Brandelli *et al.* ESPOROTRICOSE, ATUALMENTE. **Revista Científica Unilago**, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/1012>

DUARTE, Tallita Lougon; CARVALHO, Gabriel Domingos. Esporotricose no contexto da Saúde Única. **Congresso Brasileiro Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/143026.2-116>

FEROLDI, Camila Gabriela; RORIG, Maria Cecília. Esporotricose em felinos: revisão de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 7, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i7.14807>

FERREIRA, Victória Catharina Dedavid *et al.* Temporal and spatial distribution of sporotrichosis in the Rio de Janeiro Metropolitan Area, Brazil: a comparison between human and animal cases (2013-2020). **Cadernos de Saúde Pública**, v. 41, p. e00133024, 2025., v. 41, n. 2, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311XEN133024>

GAGLIARDI, Patrícia Canossa *et al.* Esporotricose Felina Disseminada. **Revista Multidisciplinar da Saúde**, v. 5, n. 4, 2023.

GOMES, Angelita Reis *et al.* Dynamics of feline sporotrichosis in Espírito Santo, Brazil: impact of urbanisation. **Zoonoses and Public Health**, v. 72, n. 1, p. 65-74, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/zph.13185>

GONDIM, A. L. C. L.; LEITE, A. K. A. Aspectos gerais da esporotricose em pequenos animais e sua importância como zoonose. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 10, n. 2, p. 37-44, 2020.

GREMIÃO, Isabella DF *et al.* Intralesional amphotericin B in a cat with refractory localised sporotrichosis. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 11, n. 8, p. 720-723, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jfms.2009.01.012>

GREMIÃO, Isabella DF *et al.* Feline sporotrichosis: epidemiological and clinical aspects. **Sabouraudia**, v. 53, n. 1, p. 15-21, 2014., 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/mmy/myu061>

GREMIÃO, Isabella Dib Ferreira *et al.* Zoonotic epidemic of sporotrichosis: cat to human transmission. **PLoS Pathogens**, v. 13, n. 1, p. e1006077, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.ppat.1006077>

GREMIÃO, Isabella Dib Ferreira *et al.* Advances and challenges in the management of feline sporotrichosis. **Revista Iberoamericana de Micología**, v. 39, n. 3-4, p. 61-67, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.riam.2022.05.002>

JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGIKA, M. M. Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. 1.º ed. Rio de Janeiro: GEN | Roca, 2015.

JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGIKA, M. M.
Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. 2º ed. Rio de Janeiro: GEN | Roca, 2023.

JUNIOR, Marco Antônio Giampani; CORTEZI, Alessandra Maria.
ESPOROTRICOSE EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA. **Revista Científica Unilago**, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em:
<https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/1010>

LECH, Anna Julia Zilli *et al.* Protocolo operacional padrão para vigilância da epizootia de esporotricose em Ponta Grossa/PR. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p., 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.26986>

LUCENA, R. C. *et al.* Ocorrência da esporotricose: Um registro da disseminação do complexo *sporothrix schenckii* na população de gatos domésticos nas regiões brasileiras. **Rev. Soc. Cient**, v. 6, p. 359-381, 2023. Disponível em: 0.5281/zenodo.8169662

MARIMON, Rita *et al.* *Sporothrix brasiliensis*, *S. globosa*, and *S. mexicana*, three new *Sporothrix* species of clinical interest. **Journal of clinical microbiology**, v. 45, n. 10, p. 3198-3206, 2007. Disponível em: 10.1128/JCM.00808-07

MCVEY, Scott. *et al.* **Veterinary Microbiology**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2022.

NELSON, Richard W.; COUTO, C. Guillermo. **Small animal internal medicine-E-book: Small animal internal medicine-E-book**. Elsevier Health Sciences, 2019.

NUNES, F. da C.; ESCOTEGUY, C. C. Esporotricose humana associada à transmissão por gatos domésticos—relato de caso. **Revista Clínica Veterinária**, n. 54, p. 66-68, 2005.

PEREIRA, Sandro Antonio; GREMIÃO, Isabella Dib Ferreira; MENEZES, Rodrigo Caldas. Sporotrichosis in animals: zoonotic transmission. **Sporotrichosis. Springer**, p. 83-102, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-319-11912-0#page=95>

QUINA, Marcela Lopes de Moura *et al.* Encapsulamento do Fármaco Itraconazol para Tratamento de Esporotricose em Gatos. **Rima-UFRRJ** 2025
Disponível em: <https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/22135>

ROCHA, Jaqueline L. T.; OLIVEIRA, M. G. M. Esporotricose felina. **Pubvet**, v. 18, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v18n05e1591>

RODRIGUES, Anderson Messias *et al.* Phylogenetic analysis reveals a high prevalence of *Sporothrix brasiliensis* in feline sporotrichosis outbreaks. **PLoS neglected tropical diseases**, v. 7, n. 6, p. e2281, 2013.
Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pntd.0002281>

RODRIGUES, Anderson Messias *et al.* Emerging sporotrichosis is driven by clonal and recombinant *Sporothrix* species. **Emerging microbes & infections**, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/emi.2014.33>

RODRIGUES, Anderson Messias *et al.* The threat of emerging and re-emerging pathogenic *Sporothrix* species. **Mycopathologia**, v. 185, n. 5, p. 813-842, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11046-020-00425-0>

RODRIGUES, Anderson Messias *et al.* Current progress on epidemiology, diagnosis, and treatment of sporotrichosis and their future trends. **Journal of fungi**, v. 8, n. 8, p. 776, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/jof8080776>.

SANTOS, Carla Regina Gomes Rodrigues *et al.* Uso de anfotericina b intralesional ou subcutânea associada ao itraconazol oral para o tratamento da esporotricose felina. **Rima-UFRRJ**, 2019. Disponível em: <https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/14085>

SANTOS, A. C. A. B. *et al.* Esporotricose, atualmente. **Revista Científica Unilago**, v. 1, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/1012>

SCHENCK, B. R. On refractory subcutaneous abscesses. **Johns Hopkins Hospital Bulletin**, v. 9, p. 286, 1898.

SESA – Secretaria Estadual de Saúde do Espírito Santo. **Unidade de Vigilância de Zoonoses (UVZ)**, 2023.

SPRUIJTENBURG, Bram *et al.* *Sporothrix brasiliensis* genotyping reveals numerous independent zoonotic introductions in Brazil. **Journal of Infection**, v. 86, n. 6, p. 610-613, 2023. Disponível em: 10.1016/j.jinf.2023.02.034

TAYLOR, Susan. M. **Clínica em pequenos animais**. São Paulo: Grupo GEN, 2022.

TEIXEIRA, Júlia Corbacho; ZAT, LH de S. Esporotricose: Zoonose Negligenciada/Sporotrichosis: A neglected zoonosis. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 8, p. 81947-68, 2021. Disponível em: 10.34117/bjdv7n8-417

THRUSFIELD, Michael; CHRISTLEY, Robert **Veterinary Epidemiology**. 4. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2018.

TÓFFOLI, Estéfani Longo *et al.* Esporotricose, um problema de saúde pública: Revisão. **Pubvet**, v. 16, n. 12, p. e1280-e1280, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n12a1280.1-7>

VILA VELHA. Lei Municipal nº 7.056, de 2024. **Dispõe sobre a notificação compulsória da esporotricose animal no município de Vila Velha** - ES. Vila Velha, 2024